

O Podcast Como Lugar de Legitimação da Fala da Mulher sobre Futebol¹

Gabriel FERREIRA²

Yasmin WINTER³

João ALVES⁴

Kamilla AVELAR⁵

Universidade Federal de Ouro Preto, MG

Resumo

Este trabalho faz uma reflexão de como as mulheres possuem pouca representatividade e expressão, principalmente quando se trata do lugar de fala nos programas esportivos jornalísticos. Além disso, também propõe discutir como o podcast é apropriado por essas comentaristas para assegurar e legitimar as suas opiniões, sem que sejam interrompidas. Após apresentar uma análise descritiva sobre os parâmetros adotados, partimos para uma reflexão sobre como o podcast pode se tornar um lugar que assegura esse espaço de fala das mulheres comentaristas no futebol.

Palavras-chave: Podcast; Rádio expandido; Mulher; Futebol.

1. Introdução

O papel da mulher na sociedade sofre mudanças de acordo com o período e ambiente social no qual ela está inserida. Em 2003, Madalena Guillón, fundadora e coordenadora da Organização Não-Governamental Comunicação, Educação e Informação em Gênero (Cemina), afirmou no texto *A rede das mulheres*⁶, que as mulheres vêm ganhando espaços em locais antes só reservados aos homens. A autora apontou a comunicação como um desses lugares. Entretanto, é importante pensar que esse espaço, embora tenha ganhado relevância nas discussões sociais e de gênero, por exemplo, ainda não está consolidado. Uma pesquisa da Associação Brasileira de

¹Trabalho apresentado na II04 – Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Graduando do Curso de Jornalismo do ICSA – UFOP. E-mail: gvfleite@gmail.com

³Graduanda do Curso de Jornalismo do ICSA – UFOP. E-mail: yasminlwinter@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Mestrando pelo PPGCOM da UFOP, publicitário e jornalista pela UNA MG, membro do Grupo de Pesquisa ConJor. Email: joao.almeidaalves@gmail.com.

⁵ Orientadora do trabalho. Professora Substituta de Radiojornalismo na UFOP. Jornalista pelo Uni-BH, doutoranda em Administração pela Fumec, Mestra pela UFOP, especialista em Gestão de Marketing pela FDC, membro do Grupo de Pesquisa ConJor. Email: kamilla_avelar@yahoo.com.br.

⁶ Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/asp1706200394>. Acesso em junho de 2018.

Jornalismo Investigativo (Abraji)⁷, realizada em 2017, informou que das 500 jornalistas entrevistadas sobre situações que envolviam o machismo no jornalismo, 86,4% já tinham passado por pelo menos uma situação de discriminação de gênero e 70,2% já haviam presenciado ou tomado conhecimento de uma colega que foi assediada no ambiente de trabalho.

No jornalismo esportivo, a situação não é diferente. Recentemente, com o aumento da participação de mulheres nos comentários esportivos, a luta por conquistar um espaço de fala é acentuada, e, embora as mulheres tenham conseguido alguma visibilidade, o jornalismo esportivo, principalmente quando se refere ao futebol, ainda é predominantemente masculino. Na mídia tradicional, quando se pensa na mulher como comentarista esportiva, reverberam assuntos estereotipados sobre a sexualização do corpo e a necessidade frequente de se provar o conhecimento. A mídia de massa não oferece oportunidade para que mulheres comentem jogos de futebol e participem de forma efetiva no esporte, reafirmando um discurso dominante de que mulher não entende de futebol. Um exemplo disso é o ocorrido recentemente no programa Sala de Redação, da rádio GaúchaZH, onde a única jornalista mulher da bancada, Eduarda Streb, sofreu comentários machistas⁸. Por outro lado, os podcasts têm se configurado como espaços democráticos e de livre expressão para que comentaristas brasileiras expressem opiniões.

Segundo Júnior (2017), o podcast pode ser conceituado como sendo a disseminação de arquivos digitais de áudio por meio da web com determinada periodicidade. De acordo com Luiz e Assis (2014), o desenvolvimento dos podcasts permitem que qualquer pessoa se torne potencialmente receptor e emissor, tornando a difusão de informações mais democrática. É neste cenário que se insere o objeto dessa pesquisa, o podcast *Tem lugar para a mulher no futebol, no jornalismo e na torcida*⁹. O produto faz parte do *Arquibancada*, um site sobre esporte em geral, criado e gerenciado pela Empresa Júnior de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

⁷ Disponível em: <http://www.generonumero.media/pesquisa-da-genero-e-numero-e-da-abraji-traz-retrato-do-machismo-no-jornalismo-brasileiro/>. Acesso em julho de 2018

⁸ Disponível em: http://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/80450/eduardo+bueno+dirige+comentario+machista+a+jornalista+da+radio+gaucha+volta+para+a+cozinha. Acesso em julho de 2018.

⁹ Disponível em <http://arquibancada.jornalismojunior.com.br/2018/06/22/podcast-da-copa-2-tem-lugar-para-a-mulher-no-futebol-no-jornalismo-e-na-torcida/>. Acesso em julho de 2018.

A partir da análise exploratória (GIL, 1999) do objeto dessa pesquisa, esse artigo volta seus esforços para responder como as mulheres têm se apropriado do podcast para legitimar seu lugar de fala no futebol. Para tal, adota-se a metodologia descritiva (TRIVIÑHOS, 2008). A análise apoiou-se, principalmente nas obras de Prata (2008), Medeiros (2006), Kischinhevsky (2016), e Zuculoto e Mattos (2017) discutindo, então, a questão da mulher no rádio esportivo, diante a uma cultura patriarcal que reverbera em diversos âmbitos sociais, inclusive no radiojornalismo.

2. O Rádio na Internet e o surgimento do podcast

Ao refletir sobre as transformações que o rádio viveu desde seu nascimento até a consolidação do ambiente online, a professora Nair Prata (2008) afirma que o rádio passou por dois momentos importantes de mudança e reconfiguração em sua história: a televisão e a internet. Nessas duas ocasiões, pesquisadores, estudiosos e profissionais se viram às voltas com discussões que apontavam o fim do rádio enquanto meio de comunicação. Bonixe (2011), chegou mesmo a apontar que a relação entre rádio e internet começou era vista como uma ameaça, pela ideia de que um novo meio, com diferentes potencialidades acabaria por substituir o rádio. Entretanto, hoje, esse tipo de discussão já foi superada e o rádio é apontado como um tipo de mídia adaptável que vai ao encontro do ritmo da vida social contemporânea. Meditsch em palestra de inauguração do programa de pós graduação da Universidade Federal de Ouro Preto, assumiu um tom otimista ao afirmar que no futuro o rádio ganhará cada vez mais importância por ser um meio que transmite em tempo real e informa as pessoas sobre o que está acontecendo sem que elas precisem parar de realizar uma atividade para compreender o que está acontecendo.

A consolidação do rádio na internet leva o rádio a redefinir sua linguagem e a maneira como ele se relaciona com seu público (PRATA, 2008). Hoje, a circulação do conteúdo das rádios não está mais restrita ao aparelho rádio, mas se expande para internet (KISCHINHEVSKY, 2016) com uma linguagem hipertextual e interativa, com elementos parassonoros que, quando consumidos, oferecem ao público diferentes experiências com o conteúdo (AZEVEDO, 2015). No mesmo sentido, Cordeiro (2004), diz que a disponibilização do rádio na internet vem modificar os processos

comunicativos, tornando-os mais abrangente permitindo a dispersão e diversificação de pólos de enunciação. A autora ainda afirma que a internet é um suporte complementar para essa disseminação da informação que o rádio traz.

De uma outra perspectiva, Reis (2011) compreende que a internet trouxe para a rádio aquilo que no anteriormente não era possível: a possibilidade de congelar o tempo e de se converter num imenso arquivo sonoro vivo. O autor destaca algumas mudanças do rádio na web:

A temporalidade é, sem dúvida, a dimensão que sofreu alterações mais profundas e radicais com a entrada da rádio na rede. É um fator que influencia todo o produto radiofônico na net, desde os formatos e os gêneros, à apresentação e disponibilização de conteúdos, ao seu consumo, sobretudo, a forma como é consumido. (REIS, 2011, p. 13)

Segundo Kischinhevsky (2016) o rádio precisa ser entendido como um meio expandido, que abarca novas modalidades de transmissão, trazendo diferentes elementos e complexificando o entendimentos das interações propostas pela radiofonia. Assim, o rádio participa de “um processo de convergência com outros meios de comunicação e com plataformas digitais” (KISCHINHEVSKY, 2016, p. 53).

Para compreender o rádio no cenário contemporâneo é preciso inseri-lo em um cenário amplo, complexificado pelas relações sócio tecnológicas que vão além das formas de transmissão buscando integrando aos novos hábitos de escuta de uma audiência redesenhada (LOPEZ, 2016) inserida em um contexto de culturas da convergência e da conexão (JENKINS, 2009; 2015). Essa complexificada ecologia de mídia (SCOLARI, 2013) abriga diferentes formatos de áudio, como por exemplo, o podcast, que com narrativas multimídia tem conquistado diferentes audiências.

Surgido em 2004, o podcast foi caracterizado por Medeiros (2006) como um arquivo sonoro produzido pelo *podcaster* que não segue necessariamente o modelo de um programa de rádio convencional. Em sua primeira geração, de 2004 a 2014, os podcasts são eminentemente sonoros possuindo objetivos distintos e se relacionado com a audiência de maneiras diversificadas (GALLEGO, 2008). Diuana e Cabral Filho (2008), apresentam o podcast como uma rede cujas características se diferem dos meios de comunicação em massa.

Em sua segunda geração, iniciada em 2014, (McHUGH, 2016) o podcast tem sua narrativa complexificada apostando em conteúdos não ficcionais com exploração da hiperespecialização. “Serial”¹⁰ é apontado por muitos autores como o podcast criminal considerado o precursor do gênero na podcastosfera (LOPEZ, VIANA, AVELAR, 2018). Seguindo essa linha de pensamento, Kischinhevsky (2016, p. 68), afirma que o podcast é uma “modalidade de radiofonia sob demanda, assíncrona, que vai além da oferta de conteúdos em websites de emissoras”. É neste ambiente que se localiza o nosso objeto de estudo.

2.1. A mulher no rádio e sua inserção no radiojornalismo esportivo

A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro foi a primeira rádio do Brasil, fundada em 1923, por Roquette-Pinto. Nesse mesmo ano, Maria Beatriz Roquette-Pinto, filha do então fundador, se tornou a primeira radialista na história do país. Porém, “na trajetória do rádio no Brasil, historicamente os homens se evidenciam com predominância na constituição do radiojornalismo brasileiro, especialmente até as fases mais contemporâneas, quando se passa a constatar maior inserção das mulheres” (ZUCULOTO; MATTOS, 2017, p. 6).

Com o desenvolver da programação das rádios, a presença das mulheres foi muito marcada como “cantoras do rádio”, mas a participação feminina era nula quando se tratava de locução de jogos, reportagem e cargos de chefias nas emissoras. Segundo estatísticas do Ministério do Trabalho, em 1999, as mulheres não eram maioria em nenhum dos setores da imprensa e o rádio era o meio de comunicação mais conservador: as mulheres totalizavam apenas 28,78% do total de 1251 profissionais. Conforme Oliveira (2005), o jornalismo feminino da segunda metade do século XX passou a crescer, pois antes disso, as mulheres exerciam seus papéis como “donas de casa”, como, naquela época, a sociedade lhes exigia.

No esporte, a situação é ainda mais complicada com a entrada da mulher no ramo do jornalismo esportivo somente a partir da década de 1960. A primeira repórter de campo de futebol do Brasil foi Neuza Pinheiro Coelho, filha, irmã e esposa de jornalistas, conforme aponta Rocha (2004). Esse fato representou uma grande quebra de

¹⁰Podcast disponível em: <https://serialpodcast.org/>

paradigma, já que antes apenas homens eram encarregados de fazer coberturas esportivas. Silvana Goellner (2012) afirma que:

A história das mulheres no universo cultural do esporte brasileiro é marcada por rupturas, persistências, transgressões, avanços e recuos. Desde meados do século XIX, elas se fazem presentes nas arenas esportivas como espectadoras e praticantes. No entanto, é a partir das primeiras décadas do século XX que essa participação se ampliou e consolidou (GOELLNER, 2012, s.p.).

O pioneirismo feminino no radiojornalismo esportivo é creditado a Regiani Ritter, que iniciou sua carreira como repórter e comentarista esportiva na Rádio Gazeta, em 1980. (BAGGIO *apud* ZUCULOTO; MATTOS, 2017). A radialista iniciou suas atividades cobrindo folga dos setoristas e pouco tempo depois já fazia transmissões de jogos. Ritter também foi a primeira repórter a cobrir uma copa do mundo, em 1994 (ZUCULOTO e MATTOS, 2017). Até então, a participação feminina no esporte se restringia a assistir e acompanhar os maridos maridos.

Contemporaneamente, mesmo que o preconceito ainda exista, a atuação feminina é mais diversificada: “as mulheres deixaram de ocupar apenas o espaço de espectadoras para tornarem-se, também, praticantes, atletas, técnicas, gestoras, árbitras, comentaristas etc” (GOELLNER, 2012, s.p.). A jornalista Isabelly Moraes, por exemplo, foi a primeira mulher a narrar um jogo da Copa do Mundo de futebol da História. A transmissão do jogo de abertura do evento, foi transmitida em todo o Brasil, pelo canal Fox Sports.

Se na mídia tradicional ainda há restrição para a participação das mulheres no esporte, o podcast, por sua própria natureza e característica de operar com o conteúdo gerado de forma livre (SANT’ANA; FARIAS, 2017), têm sido um espaço expressão utilizado pelos mulheres nos comentários sobre jogos de futebol. Conquistando seu espaço no mundo do jornalismo esportivo, as radialistas têm encontrado seu espaço de fala nos podcasts. No próximo tópico, o podcast *Tem lugar para a mulher no futebol, no jornalismo e na torcida*, será analisado.

3. Tem lugar para a mulher no futebol, no jornalismo e na torcida

Falar sobre futebol, jornalismo, história e reflexos do machismo na sociedade esportiva e tudo isso narrado por mulheres: essa é a proposta do Podcast *Tem lugar para a mulher no futebol, no jornalismo e na torcida*, produzido pela Empresa Júnior de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). A Jornalismo Júnior gerencia o site *Arquibancada*, cuja ideia veio do desejo dos alunos de se ter um local com liberdade de produção e postagem de conteúdo. O portal conta com uma diretora, um diretor e dez repórteres. Nas proximidades do maior evento mundial de futebol, produziram uma série especial para a Copa do Mundo. Em cada podcast da série, um tema é abordado com apresentadores e produtores diferentes.

O Podcast #2, chamado de *Tem lugar para a mulher no futebol, no jornalismo e na torcida* traz a questão da mulher dentro do esporte, principalmente o futebol. Sendo assim, nos propomos a analisar o produto e o que é posto de reflexão de acordo com os dados colocados. A apresentação é feita pelas alunas Bruna Arimathea, Fernanda Teles, Karina Merli e Mariah Lollato. O podcast foi postado em junho de 2018 nesse portal, refletindo o anseio dos alunos e alunas, tanto de falar, quanto de escutar sobre o assunto.

Nas proximidades da Copa do Mundo de futebol masculino é lançado, então, um podcast que trata a copa do mundo a partir de uma perspectiva de gênero, abordando aspectos históricos de preconceito e seus reflexos atuais. Um produto narrado por mulheres falando de mulheres. Embora a grande mídia só fale de futebol masculino, o podcast tem o seu foco voltado para a seleção brasileira feminina de futebol que se torna, muitas vezes, esquecida, mesmo possuindo a melhor jogadora de todos os tempos: Marta. O podcast também aborda a questão das jornalistas esportivas, que se tornam alvo do preconceito sempre presente e enraizado em todas as esferas sociais.

O podcast começa com a voz da cantora Pitty, um ícone feminista, em sua música *Desconstruindo Amélia*. A letra conta a história de uma mulher que entende as diferenças de gênero e decide tomar as rédeas da sua vida, sem se importar com o que a sociedade impõe a ela. A música continua no *background* durante a apresentação do episódio e um *sobe som* em um trecho bem característico: “E eis que de repente ela resolve então mudar / Vira a mesa, assume o jogo / Faz questão de se cuidar / Nem serve, nem objeto / Já não quer ser o outro / Hoje ela é um também”.

Como o podcast se trata de uma série especial para a Copa do Mundo de futebol masculino, as apresentadoras já começam mostrando o foco do programa. Logo dizem que estão ali, na contramão do que aborda a grande mídia, querem falar sobre o futebol feminino. Trazendo elementos históricos sobre as primeiras partidas no mundo e no Brasil, as proibições, os preconceitos e as copas mundiais organizadas pela Fifa, as apresentadoras criam uma linha temporal que ilustra e reafirma as dificuldades que as mulheres enfrentam diariamente, não só no futebol, mas na sociedade em geral. Além disso, também trazem o paralelo com o futebol masculino, que ganhava incentivo enquanto que o feminino é frequentemente desqualificado.

Trazendo matérias de outros portais, entrevistas e dados estatísticos, as apresentadoras de *Tem lugar para a mulher no futebol, no jornalismo e na torcida* colocam diversas questões que circundam o futebol feminino. Um dado apontado pelo podcast estudado é que, em 2019, os times da Copa Libertadores da América só poderão participar se também tiverem um time feminino. E, então, uma das apresentadoras levanta a questão:¹¹ “Até que ponto o futebol feminino vai ficar condicionado ao futebol masculino?”

O incentivo ao esporte também é uma questão. O patrocínio, a divulgação e transmissão pela mídia são recusados para o futebol feminino. Isso, paralelamente ao grande incentivo dado, pelos mesmos financiadores, para o futebol masculino. Esse fato reflete o incentivo ao esporte dado às crianças, socialmente estabelecido que é diferente para meninos e meninas.

Além disso, a sexualização das atletas também é abordada como temática do podcast. As apresentadoras questionam: “Que cobertura é essa que ao invés de focar em um grande campeonato de uma grande vitória, resolveu focar no corpo de uma mulher? Inaceitável”¹². Gabriela Pereira Telles (2017) aponta que desde sempre as meninas são socializadas e associadas a beleza, maternidade e feminilidade. Então, a participação das mulheres no esporte reflete essa questão, já que prioriza ainda seus corpos e aparências, ao invés de sua trajetória e conquistas.

¹¹ Tempo: 7’ 07”

¹² Tempo 9’ 40”

Quanto a ausência de jornalistas, o papel da mulher na sociedade novamente é levantado como um problema estrutural. As apresentadoras apontam: “quando você tem uma mulher narrando um jogo ou fazendo uma matéria jornalística, ela está sendo a voz que está contando isso para as pessoas, então você tem que ter confiança nessa voz, ela tem que ter um poder. E esse poder é negado às mulheres”¹³.

Sobre a Copa Mundial de futebol feminino, as apresentadoras trazem aspectos e comparações com a masculina. Em números, uma discrepância assombrosa. “Uma questão [...] é que a maioria das pessoas não sabe dados sobre a copa.”¹⁴. Além disso, a melhor jogadora e o melhor jogador de futebol do mundo estão nas seleções brasileiras. Outra comparação, colocada pelo podcast: “Basicamente, a Marta ganha 400 mil dólares por ano. O Neymar, em contrapartida, ganha 14 milhões e meio. Ou seja, ela recebe por gol, cerca de 3.900 mil dólares, já o Neymar, acaba recebendo 290 mil dólares por cada gol”¹⁵.

A Copa do Mundo de futebol masculino de 2018, a conquista das mulheres também é ressaltada no podcast. Porém, também é colocado o fato de que essa escolha foi feita através de um reality show e a possibilidade da intenção publicitária da emissora. E novamente, a provação que as mulheres passam sempre: “Será que essa ideia de reality show não reforça a ideia de que a mulher precisa provar que ela *manja* de futebol? Quem já viu um reality show para escolher um *cara* para narrar um jogo?”¹⁶ Ferreira (2014) discute como “a mulher tem que ser muito persistente e mostrar o tempo todo muita competência, porque é muito difícil conseguir reconhecimento na sociedade conservadora que coloca a mulher como ser secundária” (FERREIRA *apud* RODRIGUES E SARDINHA, 2015, p. 9)

Com uma trilha sonora de peso, trazendo não só a música inicial, mas também *Tombei* da funkeira Karol Conka e *Banho*, de Elza Soares, as meninas fazem um programa, recheado de dados concretos e opiniões pertinentes legitimando um lugar de fala. E então, se encaminham para o final trazendo um fio de esperança. “O que fica para gente são as expectativas. Um evento gigantesco como a Copa envolve mão-de-obra, envolve trabalho e tem que ter mulher trabalhando nisso. É isso que a gente espera que

¹³ Tempo 10’ 54”

¹⁴ Tempo 13’ 00”

¹⁵ Tempo 13’ 50”

¹⁶ Tempo 21’ 00”

aconteça daqui para frente. [...] A gente não está ocupando lugar de ninguém, a gente está conquistando um espaço que também é nosso”¹⁷. As apresentadoras finalizam, então, trazendo a importância de todas as mulheres lutarem pela igualdade e pelo espaço de fala que é de todos.

Considerações finais

Ao final das discussões feitas, fica nítida a dificuldade que as mulheres têm de se inserir no mercado e em trabalhar com material esportivo em rádios. No entanto, um novo cenário surge quando essas profissionais escolhem o podcast para reafirmar o lugar da mulher no cenário esportivo, principalmente relacionado ao futebol, modalidade conhecida pelo seu caráter machista.

O podcast *Tem lugar para a mulher no futebol, no jornalismo e na torcida*, utiliza de diversos recursos para inserir o ouvinte na ambiência feminina, sem reproduzir o caráter estereotipado da mulher no futebol. Ao trazer a música do estilo rock em sua abertura, com uma letra forte sobre a necessidade de mudar a forma como a mulher é vista, o podcast em apenas 24 segundos, deixa claro que o programa é provido de opiniões fortes. As outras músicas apresentadas reforçam esse caráter.

Outra característica pertinente é a forma como os diálogos das jornalistas são editadas e apresentadas. Nenhuma fala atravessa a narração de outra, algo que pode ser comum em outros programas de podcast. A dinâmica é fluída, como por exemplo, enquanto a apresentadora Bruna faz um questionamento, a Fernanda apresenta um dado específico, Karina contextualiza e Mariah apresenta a opinião do podcast, e assim por diante. Esse formato reforça a ideia que nenhuma opinião e/ou fala deve ser sobreposta por outra, algo muito comum em programas de comentários esportivos. Ali, todas são fundamentais para que a informação exista.

Além das questões técnicas do formato, o que valida o podcast como o lugar de fala da mulher no futebol, são os discursos travados e a minutagem de exposição das opiniões, algo que não é visto em outros programas e formatos. Diferente de casos onde a mulher é interrompida ou ofendida, aqui todas possuem o lugar de fala, sem que haja censura ou limite de tempo. Todas podem se expressar como se sentem em relação ao

¹⁷ Tempo: 23’ 10”

mercado, a copa do mundo, o investimento nulo, as leis, a falta de reconhecimento e as possibilidades para reverter essa situação.

O podcast possibilita algo que o mercado esportivo comum, como jornais, rádios e emissoras de TVs, não possibilita, que é de assegurar o espaço da mulher comentarista no futebol, legitimando e garantindo o seu lugar de fala. Por tanto, devemos observar atentamente as novas produções onde o discurso da mulher é protagonista, pois acreditamos que, com o tempo, o podcast pode se tornar um lugar de referência para essas comentaristas.

Referencial Bibliográfico

CORDEIRO, Paula. **Rádio e Internet:** novas perspectivas para um velho meio. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/cordeiro-paula-radio-internet-novas-perspectivas-velho-meio.pdf>. Acesso em junho de 2018.

DIUANA, Andeza Lobato. CABRAL FILHO, Adilson Vaz. **O Podcasting e a Produção de Áudio no Ciberespaço.** Anais do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – São Paulo – 2008

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUILLÓN, Madalena. **A Rede de Mulheres no Rádio.** Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/asp1706200394>. Acesso em junho de 2018.

História do Podcast. Disponível em: <https://diadopodcast.com.br/blog/historia/>. Acesso em junho de 2018.

Inserção da Mulher no universo cultural do esporte. Disponível em: <https://historiadoesporte.wordpress.com/2012/01/28/a-insercao-da-mulher-no-universo-cultural-do-esporte/>. Acesso em julho de 2018.

JENKINS, H. **Cultura da convergência.** 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, H; GREEN, J.; FORD, S. **Cultura da Conexão.** São Paulo: Aleph, 2015.

KISCHINHEVSKY, M. **Rádios e Mídias Sociais:** mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

LOPEZ, D.C. (Re)Construindo o conceito de audiência no rádio em cenário de convergência. In: ZUCULOTO, V; LOPEZ, D; KISCHINHEVSKY, M. (eds). **Estudos radiofônicos no Brasil — 25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom.** São Paulo: Intercom, 2016.

MEDEIROS, Macello Santos de. **Podcasting:** Um Antípoda Radiofônico. Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 2006.

McHUGH, S. how podcasting is changing the audio storytelling genre. The Radio Journal – International Studies in Broadcast & Audio Media. Vol 14, Num 1, 2016.

OLIVEIRA, Janaina Cruz de. **O discurso da mulher nos primórdios do jornalismo brasileiro.** Trabalho encaminhado ao Intercom Júnior, 2005. Disponível em: <http://intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0115-1.pdf> Acesso em: julho de 2018.

Pesquisa inédita da Gênero e Número e da Abraji traz retrato do machismo no jornalismo brasileiro. Disponível em: <http://www.generonumero.media/pesquisa-da-genero-e-numero-e-da-abraji-traz-retrato-do-machismo-no-jornalismo-brasileiro/>. Acesso em junho de 2018.

PRATA, N. **Webrádio:** Novos gêneros, novas formas de interação. Belo Horizonte: UFMG. 2008.

REIS, I. A reconfiguração da temporalidade da rádio na era da internet. Comunicação e Sociedade. In: **Comunicação e Sociedade:** a rádio na frequência da web. V.20,p.13-28, 2011.

ROCHA, Paula Melani. **As mulheres jornalistas no Estado de São Paulo:** o processo de profissionalização e feminização da carreira. São Carlos : UFSCar, 2004.

RODRIGUES, Karina. SARDINHA, Antônio Carlos. **Abordagem histórica sobre trajetória das mulheres no jornalismo esportivo amapaense.** Anais do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte – Manaus – 2015.

SANT’ANA, Vinicius Pickler. FARIAS, Karina. **Podcast:** a definição das comunidades virtuais e a segmentação de público. Criciúma: Satc.

SCOLARI, C. Media Evolution: Emergence, Dominance, Survival, and Extinction in the Media Ecology. **International Journal of Communication** v. 7, p. 1418-1441, 2013.

TELLES, Gabriella Pereira. **País do Futebol... Feminino?** A (In)Visibilidade das Mulheres Quando Nas Linhas. Rio de Janeiro: Pantheon, 2017.

TRIVIÑOS, A. N. da S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2008.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. MATTOS, Ediane Teles de. **As mulheres no radiojornalismo esportivo:** contextualizações para pesquisa histórica sobre sua presença profissional em Santa Catarina. Anais do XI Encontro de História da Mídia - Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - 2017.